

Robert Darnton e o grande massacre de gatos: episódios da história francesa no século XVIII

156

Recebida em 23-12-2013
Aceita para publicação em 09-06-2014

Claudio Marcio Coelho¹

No livro *O grande massacre de gatos e outros episódios da história francesa* (1984)², publicado no Brasil em 1986, o historiador Robert Darnton explora visões de mundo pouco familiares. A análise de episódios aparentemente insignificantes da história francesa tem como resultado a narração de momentos surpreendentes. Darnton analisa as maneiras de pensar na França do século XVIII, e defende uma interpretação inovadora. Para o autor, não basta mostrar “o que” as pessoas pensavam. O historiador precisa identificar e interpretar “como” estas pessoas pensavam. Para tal, é preciso revelar como os indivíduos atribuíam significado e emoção à realidade social. A construção desta perspectiva permite entender sua “visão de mundo”, e a constatação de realidades multifacetadas, diversificadas, e, muitas vezes surpreendentes.

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES). Contato pelo e-mail: claudiomarciocoelho@gmail.com

² Darnton, Robert (1986). *O grande massacre de gatos e outros episódios da história francesa*. Rio de Janeiro: Graal.

Na apresentação da obra, Darnton reafirma o propósito de deixar de lado a “estrada principal da história intelectual” pela análise conhecida como *História das Mentalidades*, que pode ser simplesmente chamada de *História Cultural*. Esta perspectiva está marcada pela tendência etnográfica, e entende a cultura com “c” minúsculo.

Enquanto o historiador das idéias esboça a filiação do pensamento formal, de um filósofo para outro, o historiador etnográfico estuda a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo. Tenta descobrir sua cosmologia, mostrar como organizavam a realidade em suas mentes e a expressavam em seu comportamento. Não tenta transformar em filósofo o homem comum, mas ver como a vida comum exigia uma estratégia. Operando ao nível corriqueiro, as pessoas comuns aprendem a “se virar” – e podem ser tão inteligentes, à sua maneira, quanto os filósofos (Darnton, 1986, p.xiv).

Darnton alerta os pesquisadores sobre os perigos do anacronismo. A falsa impressão de familiaridade com o passado desaparece à medida que o pesquisador se submete a devida peregrinação pelos arquivos. A pesquisa minuciosa dos documentos poderá conduzir o historiador à revelação de momentos significativos da história. Para fazer história, o pesquisador não deve valorizar apenas os aspectos mais expressivos, pois analisando “o documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significados estranho” (*Ibid.*, p.xv).

Para Darnton, a dificuldade – ou impossibilidade – de se interpretar um provérbio, piada, ritual ou poema do contexto pesquisado, revela a descoberta de algo importante para a pesquisa.

De fato, seu livro explora as ‘visões de mundo’ pouco conhecidas ou valorizadas. O autor examina as surpresas proporcionadas por uma coleção improvável de textos: uma versão primitiva de *Chapeuzinho Vermelho*, no ensaio *Histórias que os camponeses contam: o significado de mamãe ganso*; a narrativa de *Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na Rua Saint-Séverin*; a bizarra descrição de uma cidade em *Um burguês organiza seu mundo: a cidade como texto*, e o curioso arquivo de um inspetor de polícia sobre os intelectuais da época em *Um inspetor de polícia organiza seus arquivos: a anatomia*

Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

da república das letras. Estes textos não podem ser classificados entre os documentos típicos da época, mas assumem importância fundamental na análise do autor.

O ensaio sobre o grande massacre de gatos denuncia o indiciário de Darnton. Neste surpreendente trabalho, o autor analisa o relato do operário Nicolas Contat³ que contou esta história numa narrativa que fez sobre seu estágio em uma gráfica da Rua Saint-Séverin, Paris, no final da década de 1730. Contat descreve as dificuldades da vida de um aprendiz.

Dormiam num quarto sujo e gelado, levantavam-se antes do amanhecer, saíam para executar tarefas o dia inteiro, tentando furtar-se aos insultos dos oficiais (assalariados) e aos maus-tratos do patrão (mestre), e nada recebiam para comer, a não ser as sobras. Achavam a comida especialmente mortificante. Em vez de jantar à mesa do patrão, tinham de comer os restos de seu prato na cozinha. Pior ainda, o cozinheiro vendia, secretamente, as sobras, e dava aos rapazes comida de gato – velhos pedaços de carne podre que não conseguiam tragar e, então, passavam para os gatos, que os recusavam [...] Uma paixão pelos gatos parecia ter tomado conta das gráficas, pelo menos entre os patrões, ou *burgueses*, como os chamavam os operários. Um certo burgês tinha vinte e cinco gatos. Mandou pintar seus retratos e os alimentava com aves assadas. Por outro lado, os aprendizes tinham que aturar uma profusão de gatos de rua, e eles também proliferavam no distrito das gráficas, infernizando a vida dos rapazes. Uivavam a noite toda, no telhado do sujo quarto de dormir dos aprendizes, impossibilitando uma noite tranqüila de sono [...] eles começavam o dia num estado de exaustão, enquanto o burguês dormia até tarde (Darnton, 1986, p.103-4).

Revoltados com sua condição sub-humana e com os privilégios dos gatos, os rapazes (aprendizes) resolveram “endireitar este estado de coisas desigual”. Um deles rastejou pelo telhado até próximo do quarto do patrão e “começou a uivar e miar, de maneira tão terrível que o burguês e sua mulher não pregaram o olho” (*Ibid.*, p.104). Após vários dias sem dormir o patrão e sua esposa reconheceram que foram alvo de algum feitiço. Ordenaram aos

³ Darnton pesquisou o relato de Nicolas Contat em *Anecdotes typographiques ou l'on voit la description de coutumes, moeurs et usages singuliers des compagnons imprimeurs*, publicado em 1980, pela editora Giles Barber (Oxford, Inglaterra). Na nota 1 do capítulo 2, na p.345, Darnton lembra que o manuscrito original está datado, segundo Barber, de 1762.

aprendizes que se livrassem dos gatos endiabrados, menos a *La grise* (a gata cinzenta muito estimada pela mulher do patrão). Os aprendizes ficaram muito felizes, e auxiliados pelos assalariados caçaram todos os gatos da redondeza. Contrariando a ordem da patroa não pouparam *La grise*, pelo contrário ela foi a primeira a ser caçada. Um dos aprendizes “partiu-lhe a espinha com uma barra de ferro” e o outro “acabou de matá-la” (*Ibid.*, p.105). Os demais gatos foram perseguidos e colocados em sacos.

Sacos de gatos semimortos foram atirados ao pátio. Mais tarde os trabalhadores da oficina se reuniram e encenaram um julgamento com guardas, confessor e executor público. Os gatos foram julgados e condenados. Receberam os “últimos ritos”, depois foram pendurados em “forcas improvisadas”. O delírio de “alegria”, “desordem” e “gargalhadas” chamou a atenção da patroa que suspeitou da execução de sua gata. Fato veemente negado pelos trabalhadores. Léveillé – um dos aprendizes – reencenou este massacre através da mímica por inúmeras vezes.

Os tipógrafos gostavam muito de reencenações burlescas de incidentes do dia-a-dia da oficina. Chamavam estas reencenações de *copies*. Estas *copies* eram praticadas com a intenção de humilhar aquele que fosse alvo de satirização. Darnton então pergunta: Onde está à graça, num grupo de homens adultos tomados por “delírio de alegria”, enquanto um adolescente reencena a matança ritual de animais indefesos? Para Darnton, nossa dificuldade de “entender a piada” constitui um ‘indício’ que revela a distância entre a ‘visão de mundo’ dos operários da Europa pré-industrial e das pessoas de nosso contexto. Mas isto não é tudo. Outro ‘indício’ importante pode ser identificado. Este episódio, a primeira vista, sem importância para reconstrução histórica da sociedade europeia do século XVIII pode revelar ‘pistas’ ou ‘sinais’ bastante significativos para a análise social.

Seguindo sua intuição e faro de pesquisador, Robert Darnton constrói uma análise indiciária surpreendente. O grande massacre de gatos não representou apenas a oportunidade de “ataque indireto ao patrão e sua mulher” (*Ibid.*, p.107). Este episódio revelou o contraste entre o universo dos trabalhadores e dos patrões. Por outro lado, “os rapazes queriam restaurar um passado mítico, o tempo em que mestres e dependentes trabalhavam em

amigável associação” (*Ibid.*, p.113). Darnton explica que a matança ritual de gatos estava relacionada com os temas obscuros dos rituais e do simbolismo popular.

As versões literárias da crueldade com animais – especialmente os gatos – não constituíam um conjunto de fantasias sádicas ou atos de barbarismo de alguns indivíduos loucos. Esta prática era comum na cultura popular europeia deste contexto. Este fato pode ser identificado através da investigação da literatura do início do século XVII (*Dom Quixote*, na Espanha), e do final do século XIX (*Germinal*, na França), e no brilhante estudo de Mikhail Bakhtin sobre *A cultura popular na idade média e o renascimento: o contexto de François Rabelais*. Num contexto de crenças e costumes, que associavam os gatos a feitiçaria, aos poderes ocultos e aos aspectos mais íntimos da vida doméstica – o sexo, a fertilidade, a sexualidade feminina –, a análise do massacre de gatos tornou-se um ‘achado’. Além de desnudar o contexto cultural popular da Europa pré-industrial, também revelou aspectos sociais estruturantes das disparidades entre a classe dominante (burgueses) e as classes subalternas (aprendizes, assalariados, operários).

Darnton afirma que o relato de Nicolas Contat, embora subjetivo, não viciou a “estrutura referencial coletiva” (*Ibid.*, p.133), pois registra com propriedade os traços característicos do imaginário popular, das relações sócio-econômicas e culturais da época e da região. Para Darnton,

[...] parece claro que os operários acharam o massacre engraçado, porque lhes proporcionou uma maneira de virar a mesa contra o burguês (...). A piada funcionou muito bem porque os operários jogaram, muito habilmente, com um repertório de cerimônias e símbolos. Os gatos adequavam-se perfeitamente a seus objetivos. Quebrando a espinha de *la grise*, chamavam a mulher do patrão de feiticeira e de prostituta e, ao mesmo tempo, transformaram o patrão em corno e tolo. Era um insulto metonímico, feito através de ações, não de palavras, e atingiu seu objetivo porque os gatos ocupavam um lugar de privilegiado no estilo de vida burguês (...). Transformaram uma caçada aos gatos em caça as bruxas, festival, *chavari*, julgamento simulado e piada de mau gosto. Depois, refizeram tudo em pantomima. Sempre que se cansavam de trabalhar, transformavam a oficina num teatro e produziam *copies* (...). Os operários levaram seu gracejo à beira da reificação, do ponto em que a matança de gatos se transformaria numa rebelião aberta. Jogaram com ambigüidades, usando símbolos que esconderiam seu pleno

desejo significado mas, ao mesmo tempo, deixando entrevê-lo o suficiente para fazer de tolo o burguês, sem lhe dar um pretexto para demiti-los (...) Realizar uma façanha dessas exigiu grande destreza. Mostrou que os operários podiam manipular os símbolos, em sua linguagem própria, com a mesma eficácia que os poetas, estes em letra impressa (Darnton, 1986, p.134-5).

Voltando a apresentação do livro entendemos o significado da opção metodológica do autor. Darnton afirma que perseguiu a série de documentos que considerou mais rica, e seguiu os 'indícios' que apareciam. O autor afirma que "apressando logo o passo" tropeçava em surpresas. Sua metodologia o levou a "apreciar alguns pontos de vista incomuns, que podem ser os mais importantes" (*Ibid.*, p.xvii). As categorias do *Método Indiciário* estão presentes em toda construção teórica e metodológica do autor, e possibilitou a elaboração de uma análise histórica sensível e racional.